

No decorrer das lições deram-se varias outras noticias historicas, quando o assunto as pedia: por exemplo, sobre as contramarcas de Caesar Augusta e de Ergavica, sobre as variedades do alphabeto iberico. De modo geral, póde dizer-se que ha dois typos de alphabeto iberico: o da Provincia Ulterior, no qual as letras se lêem da direita para a esquerda, como na escritura semitica; e o da Provincia Citerior, no qual as letras se lêem da esquerda para a direita, por influencia grecoromana. Existem porém certas variedades importantes, como na região Asidonense. As inscrições do Sul de Portugal relacionam-se com as legendas das moedas de Salacia; umas e outras se lêem da direita para a esquerda. Estes factos estão de acordo com as palavras referidas por Estrabão na *Geographia*, III, 1, 6, segundo as quaes os Iberos não se serviam de uma só *γραμμικὴ*, expressão que significa antes «escritura» do que *litteratura*.

P. S. Em 22 de Março de 1899 tive de interromper as lições, pois fui para fóra do reino, em viagem de estudo, com auctorização do Governo. Ficou a substituir-me até o fim do anno lectivo o meu collega o Sr. Rebello Trindade, então conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

J. L. DE V.

Uma falsificação monetaria

Num pacote com decalques de moedas nacionaes e estrangeiras, que existe na secção de numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, acha-se uma delgada folha de estanho malleavel, em que foram impressas, por meio de compressão, as gravuras de um numisma estranho e inedito, que se representa na seguinte cópia:



Trata-se de uma moeda falsificada, para ser classificada na categoria d'aquellas moedas anteriores á IV dynastia dos reis de Portugal, cujos

symbolos vem figurados nos n.^{os} 2 a 5 da estampa XXVII do volume I da obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica*, etc.

O exemplar pertenceu a M. Devegge, residente em Copenhague, conforme se diz em nota mencionada no envolvero que contém o decalque original. Esta moeda foi, provavelmente, obra do autor das moedas a que nos referimos a cima, imaginada para illudir o colleccionador, sempre avido de singularidades não vistas, quando sob o imperio de uma estima illimitada a arrecadasse religiosamente, qualificando-a de *unica* no seu catalogo descriptivo, ou em canhenho de apontamentos.

A moeda foi cunhada? ou fundida?

Pela nitidez do decalque parece que a primeira hypothese está em manifesta opposição com a segunda, e a vence.

No campo do anverso as armas do reino tem os dois castellos inferiores obliquamente dispostos. Em cada um dos cinco escudetes, em cruz, ha um só ponto, como em algumas moedas de bolhão de D. Affonso III. Os grupos de quatro arruelas, collocados verticalmente á direita e á esquerda das armas, são ornamentaes. A legenda, que abre e fecha entre cinco arruelas em cruz, é assás desigual. Na palavra ALPHONSVS as letras mantem entre si distancias quasi regulares, porém nos algarismos romanos VI e em D. G. até REX as distancias não são compensadas pelos pontos divisorios. Denuncia-se o buril inexperiente. O effeito é de desolação e tristeza, como quando raras arvores só de longe em longe offerecem doceis de sombra na estrada que conduz ao viso da montanha. A coroa real é simples, fechada a traço fino.

No reverso o valor X, a significar *dez réis*, occupa todo o campo. É acompanhado por quatro bezantes nos angulos, dentro de um circulo granulado. Este valor, bem visivel, é de fórma elegante. A sua grandeza determinaria a das letras PORTVGALIE. D. G., em cujos intervallos foi seguido o systema já visto na legenda do anverso.

A singularidade principal d'este typo é a data 1629 (S ás avessas para significar 5) entre dois pontos. Estes algarismos, cuja grandeza concorda com a das letras da legenda, dão áspecto barbaro ao conjunto typico. Parece que a febre das grandezas impressionára vivamente a inferioridade artistica do gravador.

Nas orlas de ambas as paginas da moeda o circuito granulado é continuo, completo e nitido, como se tem visto em algumas moedas á flôr do cunho de outros reinados.

É digna de reparo especial a repetição das letras D. G. em ambas as legendas. A *graça de Deus* foi invocada duas vezes, como se fôra senha de passe com que a producção artistica houvesse de caminhar pela via dolorosa das conjecturas até os dominios da sciencia numis-

mática, qualquer que fosse o grau de perfectibilidade a que esta chegasse no futuro.

Na composição d'este producto de phantasia o autor inspirou-se no typo do exemplar de igual valor, cuja figura consta do n.º 9 da estampa XXXVI do volume II da obra citada, fundido na epoca da Regencia do Principe D. Pedro.

Entendemos, por dever de numismata, que era conveniente salvar do esquecimento a noticia d'esta moeda falsa. A sciencia não repugnam casos esporadicos; elles, por vezes, guiam o estudo acêrca de certas aptidões especiaes, que se movimentaram nas lutas pela existencia, lutas assiduas, bravas e intelligentes criminosamente, ou levam ao conhecimento de factos relacionados com a economia social de povos.

Convem que as falsidades monetarias não sejam apreciadas, em principio, apenas como entretenimento, o que seria proprio para encantar sómente os leigos da sciencia.

A numismática, para conhecer, avaliar e julgar, tem de inquirir na luz e nas trevas, e assim corrige, afina e desbrava o caminho em que, de illação em illação, corre para o esplendor do seu desenvolvimento completo.

Á consulta regia de 9 de dezembro de 1642, acêrca da conveniencia de se bater moeda de cobre na falta de trocos para as compras mais humildes, o Senado de Lisboa, em 31 de Janeiro de 1643, respondeu que a moeda se fizesse — *de çorte que não fosse tão pequena que dos Reinos estranhos se metesse neste, nem que por grande a fundissem os caldeireiros*. (Aragão, documento n.º 112).

A razão que obstou á cunhagem de moedas *grandes*, isto é, de X, devia ter influido no reinado de D. Affonso VI, e, assim, a moeda de que tratamos não foi ensaio monetario. Na aurora d'este reinado, provavelmente, foram cunhados valores de V réis e 3 réis, com typos iguaes aos de D. João IV, em virtude de lei não conhecida, acompanhando a cunhagem da moeda de 1½ real, e com ella formando serie, perdendo esta o qualificativo de falsa, que lhe foi dado na pagina 40 do volume II de Aragoão, assim como perdeu a categoria de unica conhecida. Na collecção do Sr. José Baptista da Fonseca Queiroz, contador do Tribunal de Contas, existe outro exemplar d'este 1½ real, que tem evidentes signaes de gasto, produzido pela circulação. O gasto accusa authenticidade. Antigamente ninguem se entreteria a *gastar* qualquer moeda, para que ella gozasse de credito e definisse uma ideia especial perante apreciações de futuros especialistas.

Talvez que os valores de V reis e 3 reis de D. Affonso VI tenham apparecido em pesquisas numismaticas, porem, facilmente confundidos

com os de D. João IV, desprezados pelos colleccionadores, por falta de reparo nas legendas, seriam envolvidos e baralhados sem deixar rasto na sucata de cobre, que em Lisboa abundava no tempo dos Lopes Fernandes, dos Lamas, e ainda um pouco posteriormente, corridos inadvertidamente no acto da escolha, cuja rapidez era a sagacidade systematica mais adequada para não fatigar a benevolencia dos caldeireiros, que, alem de serem os causadores do mais detestavel dos ruidos, com que, no bater da obra, encommodavam os moradores da rua Augusta, eram os fornecedores do cobre antigo para collecções.

Nós talvez em tempo commettessemos o nefando crime de mal fundada rejeição. Agora para todos os colleccionadores é tardio o arrependimento acompanhado pela magoa... A sucata de cobre amoadado já não existe.

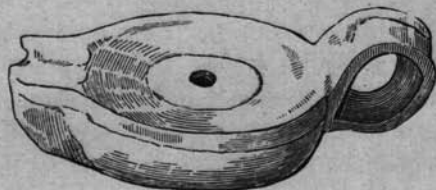
Lisboa, 5 de Junho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Lucerna romana dos arredores de Serpa

A lucerna, de que se dá aqui uma gravura em metade do tamanho natural, executada segundo um desenho do Sr. Jorge Collaço, pertence ao Museu Ethnologico Português, ao qual a offereceu o Sr. Manoel Dias Nunes, redactor da *Tradição*, de Serpa.

É de barro amarellado, com toda a superficie desgastada, sem figuras no centro, e só com vestigios de uma pequena ornamentação junto do bico ($\mu\tilde{\nu}\tilde{\zeta}\tilde{x}$ = *myxa*), do qual porém só resta metade. Ao centro,



Lucerna romana de Serpa

na parte superior da lucerna, ha um orificio, por onde se lançava o liquido que alimentava a luz. A asa é oval e aberta.

Foi encontrada nas ruinas romanas das Barrosas, vulgò *cidade da Rosa*, de que se fallou n-*O Arch. Port.*, v, 237 sqq. Supponho, pela sua fórma, pertencer ao sec. III ou IV, o que concorda com a data das moedas romanas achadas no mesmo sitio: vide *O Arch. Port.*, *ibid.*, 238.

J. L. DE V.